



REDES SOCIAIS, PRÁTICAS COLABORATIVAS E A COBERTURA JORNALÍSTICA SOBRE FRONTEIRAS

SOCIAL MEDIA, COLLABORATIVE PRACTICES AND BORDERS JOURNALISTIC COVERAGE

Aline Roes Dalmolin ¹
Ada Cristina Machado Silveira ²

RESUMO

O presente artigo visa discutir as potencialidades das redes sociais para debater a cobertura jornalística efetuada pela mídia hegemônica brasileira a respeito das fronteiras internacionais. O texto analisa um conjunto de postagens veiculadas na rede social Facebook em 25 de abril de 2013, em reação a uma série de reportagens televisivas exibidas pela Rede Globo naquele período. Tenta-se delinear como os usuários constroem “um outro olhar” sobre o espaço geográfico abordado, reterritorializando o espaço da internet a partir dos tensionamentos fornecidos pelo olhar local, mais atento às peculiaridades regionais, subsumidas pelo noticiário construído como nacional a partir do eixo Rio-São Paulo. Por fim, tecem-se algumas considerações sobre como o ciberativismo e as práticas colaborativas digitais podem vir a contribuir para uma nova ordem discursiva no jornalismo.

Palavras-chave: fronteiras; jornalismo; redes sociais.

ABSTRACT

This paper discusses the social media potential to debate brazilian mainstream news coverage about international borders. It analyzes a set of posts on the social media site Facebook, posted on 24 to 26 April, 2013, in reaction to a television news series displayed by Globo at that period. It tries to outline how users build “another look” over geographic space covered, occupying the internet space with tensions provided by local look, closer to regional peculiarities denied by as national news constructed from Rio-São Paulo. Finally, we make some considerations about how cyberactivism and digital collaborative practices can potentially contribute to a new discursive order in journalism.

Key-words: borders; journalism; social media.

¹ Pós-Doutoranda no Programa de Comunicação Midiática da UFSM (bolsista Capes/PNPD Institucional). Participante do Grupo de Pesquisa Comunicação, Identidades e Fronteiras. dalmoline@gmail.com

² Professora do Departamento de Comunicação, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática e do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da UFSM. Líder do Grupo de Pesquisa Comunicação, Identidades e Fronteiras. adac.machadosilveira@gmail.com



INTRODUÇÃO

Os brasileiros, por sua presença nas redes sociais, vem se destacando dentre as nacionalidades mais ativas e assíduas nestas plataformas. Dados apontam para um número de 65 milhões de usuários do *Facebook* no Brasil no final de 2012, número que não para de crescer, consolidando para a empresa a segunda posição do país dentre os maiores mercados do mundo quanto ao número de usuários. Além disso, os brasileiros também marcam presença ativa dentre os maiores usuários do *Twitter* e do *Youtube*³. No serviço de mensagens curtas, os brasileiros representam um dos cinco maiores grupos de usuários ativos, enquanto na plataforma online de compartilhamentos de vídeo, estes lideram o ranking mundial de acessos efetuados por visitantes únicos fora dos Estados Unidos (idem).

Para além dessa participação quantitativa, mensurável em números e cifras, os brasileiros também se destacam quanto aos usos que estes fazem da rede, especialmente pelo fato desta cultura estimular e suscitar o contato e a conversação. O espaço virtual potencializa e estimula essas trocas, proporcionando instâncias para cada usuário debater o que se passa em seu mundo, além de gerar e produzir conteúdo. Esse conteúdo, inclusive, pode servir para discutir aquilo que é veiculado por outras mídias, consolidando nas redes um espaço para o exercício da atividade crítica.

Este artigo procura discutir como as redes sociais podem proporcionar um outro olhar para a cobertura jornalística de fronteiras, fornecendo uma perspectiva crítica e evidenciando aspectos negligenciados pela mídia hegemônica. Para isso, analisam-se um conjunto de postagens veiculadas na rede social Facebook que debatem sobre a cobertura desenvolvida pela mídia hegemônica a respeito de uma operação de combate ao contrabando na tríplice fronteira de Foz do Iguaçu. No caso em análise, tratam-se especificamente dos comentários de usuários à postagem de Gilmar Piolla⁴, morador daquela cidade, que tomam como ponto de partida uma série de três reportagens veiculadas no telejornal *Jornal Hoje*, da Rede Globo, de 24 a 26 de abril de 2013.

³ CHAO, Loretta. Brasileiros reinam nas redes sociais. *Valor Econômico*, V. 1, N. 733,5 fev 2012. Disponível em: < www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed733_brasileiros_reinam_nas_redes_sociais. Acesso em 8 mar 2013.

⁴ PIOLLA, Gilmar. Página pessoal de Gilmar Piolla no Facebook, 25 de abril de 2013. Disponível em: < www.facebook.com >. Acesso em: 25 abril 2013.



Num primeiro momento, se discutirá como as fronteiras são abordadas pela mídia hegemônica, reportando aspectos verificados em pesquisas anteriores⁵, e que aqui são exemplificados pelas reportagens do Jornal Hoje. As matérias serão observadas, principalmente, sob a perspectiva das angulações criticadas pelos usuários da rede. Na sequência, serão trabalhadas algumas considerações teóricas sobre ciberativismo, redes sociais e identidades culturais, das quais destacam-se as identidades fronteiriças. Por último, será desenvolvida uma análise das postagens no Facebook constituintes de nosso corpus, observando como estas se relacionam ao discurso hegemônico numa perspectiva crítica.

1 A COBERTURA JORNALÍSTICA DE FRONTEIRAS: UM CENÁRIO DE PRÁTICAS ILEGAIS

A Rede Globo de televisão divulgou recentemente, em seu principal telejornal vespertino, uma série de dez reportagens sobre a região conhecida como “tríplice fronteira”, situada nas cidades de Foz do Iguaçu (Brasil), Ciudad del Este (Paraguai), e Puerto Iguazú (Argentina). O conjunto das reportagens veiculadas pela emissora brasileira, que foram ao ar no final do mês de abril de 2013, provocou a indignação de moradores da região que não concordaram com a angulação trabalhada pela emissora nas matérias.

Parte dessas reações foi publicada na página pessoal do jornalista Gilmar Piolla na rede social *Facebook*, em 25 de abril do mesmo ano⁶. Na postagem, ele elenca 8 itens, nos quais relaciona o que considera como “omissões e excessos da Rede Globo em relação à Foz do Iguaçu”. O jornalista já havia se manifestado em outros momentos na rede sobre os problemas da cobertura jornalística sobre a região, como no artigo publicado em 2011 em um portal de Foz do Iguaçu, no qual ele chamava a atenção para o exagero com o qual a

⁵ Alguns dos argumentos desenvolvidos neste texto reportam a reflexões desenvolvidas junto ao Grupo de Pesquisa Comunicação, Identidades e Fronteiras (CNPq). Os trabalhos do grupo podem ser conferidos no blog <http://comunicacaoeidentidades.wordpress.com/>.

⁶ PIOLLA, Gilmar. Página pessoal de Gilmar Piolla no Facebook, 25 de abril de 2013. Disponível em: < www.facebook.com >. Acesso em: 25 abril 2013.



revista Veja, a maior em circulação do país, construiu uma matéria sustentando a hipótese, segundo ele infundada, da presença de grupos terroristas na tríplice fronteira⁷.

Nas matérias impressas e televisivas criticadas por Piolla, assessor de imprensa da empresa Itaipu Binacional e morador de Foz do Iguaçu, verifica-se uma clara aproximação com vários dos argumentos que já levantamos em trabalhos anteriores que refletem sobre a cobertura jornalística das fronteiras nacionais⁸. Além disso, as pesquisas mostram que essa abordagem discursiva não se resume ao caso do telejornalismo, pois esse mesmo modelo está presente em outras plataformas e lugares, a exemplo do jornalismo impresso local⁹ e das revistas nacionais de referência como *Época* e *IstoÉ*.¹⁰

A cobertura jornalística sobre as fronteiras internacionais aparece condicionada a dois procedimentos discursivos pelos quais a mídia opera a respeito do assunto: o do alarmes de incêndio (*fire alarms signal*) e de patrulhamento policial (*police patrol*)¹¹. O primeiro diz respeito aos procedimentos utilizados para vigiar e controlar a implantação de políticas governamentais, enquanto o segundo refere-se ao tipo de controle centralizado, ativo e direto por parte do Estado. Nesse contexto, o enquadramento jornalístico típico irá abordar a fronteira como uma “terra sem lei”, na qual os agentes do poder estatal buscam reprimir e combater as atividades ilegais. O tráfico e o contrabando são alvo prioritário dessas angulações, que desconsideram a pluralidade étnica, as características culturais e as identidades de uma região como a tríplice fronteira, apagando as complexidades sob o

⁷ PIOLLA, Gilmar. O terrorismo da imprensa. **Portal H2Foz**, Foz do Iguaçu, 5 de maio de 2011. Disponível em: <<http://www.h2foz.com.br/opinioao/o-terrorismo-da-imprensa-gilmar-piolla-rebate-acusacoes-da-midia>>. Acesso em: 25 abril 2013.

⁸ SILVEIRA, Ada C. M. A cobertura jornalística de fronteiriços e favelados - narrativas securitárias e imunização contra a diferença. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, N. 35, V. 1, 2012, 75-92.; SILVEIRA, Ada C. M. Modos de ver e devorar o outro: a ambivalência na cobertura jornalística das periferias. **Ghrebh**, N. 14, V.2, 2009, pp. 157-176.; GUIMARÃES, Isabel P.; SILVEIRA, Ada C. M. Sobre lugares de crimes e castigos: periferia e imaginário colonial. **Anais do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom**, Fortaleza, setembro 2012.; GUIMARÃES, Isabel P.; SILVEIRA, Ada C. M. O imaginário midiático das fronteiras na cobertura jornalística. **Anais de la Conferencia Regional UC-ICA**, Santiago do Chile, outubro 2012.

⁹ DIAS, Anelise S.; MASCARENHAS, Gregório.L.; SILVEIRA, Ada C. M. O olhar da Tríplice Fronteira sobre si mesma: o caso da Gazeta do Iguaçu. **Anais do XII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul - Intercom Sul**, Londrina, maio 2011; SILVEIRA, Ada C. M. A cobertura jornalística de fronteiriços e favelados - narrativas securitárias e imunização contra a diferença. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, N. 35, V. 1, 2012, 75-92.

¹⁰ Id.; Ibid, 2009.

¹¹ McCUBBINS, Mathew D.; SCHWARTZ, Thomas. Congressional oversight overlooked: police patrols versus fire alarms. **American Journal of Political Science**, Malden, p. 165-179, v. 28, n. 1, fev., 1984.



vêu de um único viés, o contrabando na fronteira. Assim, “a singularidade de uma sociedade engendrada pelo encontro multicultural é subsumida pelo rótulo genérico de fronteira problemática”¹².

A série de reportagens “Câmera JH” redonda essas perspectivas, ao enquadrar seu olhar sobre a região a partir de uma ação de combate ao contrabando deflagrada durante dez dias pela Receita Federal brasileira (Figura 1). Nas três matérias, os fiscais da Receita figuram como fonte privilegiada das informações, fornecendo dados e detalhes sobre as operações, que envolvem perseguições de carros suspeitos, apreensões de produtos nas margens dos rios e nos ônibus que circulam pela região.



Figura 1 - Policial intercepta suspeito de contrabando na primeira matéria da série “Câmera JH”.

Fonte: Portal G1

A primeira matéria, veiculada no dia 24 de abril, já evidencia um recorte de sentido no próprio título, conforme expresso no site do Jornal¹³. Sua denominação “Câmera do JH mostra atuação da Receita Federal na fronteira do Brasil com o Paraguai” já reduz o caráter tríplice daquela fronteira, ignorando a existência do limite com a Argentina e fechando o sentido apenas em dois dos países que constituem a tríplice fronteira¹⁴. Essa reportagem também centra o foco em flagrantes de contrabando em veículos na cidade,

¹² Silveira, A. C. M. (2012). A cobertura jornalística de fronteiriços e favelados - narrativas securitárias e imunização contra a diferença. *Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. 35(1), 75-92.

¹³ JORNAL HOJE. Veja no JH: O trabalho da Receita Federal na fronteira do Brasil com o Paraguai, *Portal G1*, 24 de abril de 2012. Disponível em: < <http://globotv.globo.com/rede-globo/jornal-hoje/t/edicoes/v/veja-no-jh-o-trabalho-da-receita-federal-na-fronteira-do-brasil-com-o-paraguai/2534777/>>. Acesso em: 27 abril 2013.

¹⁴ A cidade argentina de Puerto Iguazú sequer é mencionada nesse episódio, nem no restante da série.



além de mostrar perseguições aos que tentavam evadir-se das abordagens dos fiscais em estradas de terra no interior de Foz do Iguaçu.

Já a segunda matéria, divulgada na edição do Jornal Hoje do dia 25, aborda principalmente a repressão dos barqueiros que circulam com contrabando nas margens do Rio Paraná, que demarca os limites entre o Brasil e o Paraguai¹⁵. O único estrangeiro a ser entrevistado na matéria, um rapaz paraguaio que declara ter 17 anos, presta seu depoimento à equipe de reportagem enquadrado de costas, pelo fato de ser menor.

Exibida no dia 26, a última reportagem da série enfatiza a repressão às práticas ilegais nos postos da Receita Federal, mostrando apreensões de cargas em ônibus e excursões¹⁶. A matéria também traz imagens da rodoviária de Foz de Iguaçu, destacando a grande movimentação de sacoleiros e de enormes volumes de bagagens.

A série lança mão dos recursos da câmera de visão noturna e de câmera escondida para flagrar a ação de contrabandistas e daqueles que trabalham numa espécie de rede apoio, como o rapaz que vende informações sobre a localização das barreiras da Receita, conforme veiculado na última matéria. Além disso, a edição com takes curtos e a adição de trilha sonora de andamento rápido vão ao encontro de uma certa estética que aproxima os recursos veiculados pelas matérias àquela típica dos filmes de ação. Imagens capturadas de dentro de carros e de helicópteros dos fiscais em plena operação, bem como as várias passagens gravadas pelo repórter Wilson Kirsche, evidenciam uma proximidade da equipe de gravação com os fiscais da Receita.

As matérias repercutem por excelência o procedimento de patrulhamento policial referido por Cubbins e Schwartz¹⁷, reproduzindo como a Receita Federal atua diretamente, punindo e desencorajando ações ilegais na faixa de fronteira através de uma intensa vigilância. Essa ação focalizada evidencia-se no enquadramento de imagens que reforçam o

¹⁵ JORNAL HOJE. Confira cenas de perseguição na segunda reportagem da série da Câmera JH. **Portal G1**, 25 de abril de 2012. Disponível em: <<http://globotv.globo.com/rede-globo/jornal-hoje/t/edicoes/v/confira-cenas-de-perseguiçao-na-segunda-reportagem-da-serie-da-camera-jh/2536977>>. Acesso em: 27 abril 2013.

¹⁶ JORNAL HOJE. Câmera JH exhibe flagrantes do contrabando na fronteira do Brasil com o Paraguai. **Portal G1**, 26 de abril de 2012. Disponível em: <<http://globotv.globo.com/rede-globo/jornal-hoje/t/quadros/v/camera-jh-exibe-flagrantes-do-contrabando-na-fronteira-do-brasil-com-o-paraguai/2539786>>. Acesso em: 27 abril 2013.

¹⁷ McCUBBINS, Mathew D.; SCHWARTZ, Thomas. Congressional oversight overlooked: police patrols versus fire alarms. *American Journal of Political Science*, Malden, p. 165-179, v. 28, n. 1, fev., 1984.



treinamento policial dado aos fiscais, que não titubeiam em apontar suas armas para intimidar os suspeitos de contrabando.

O esforço de enquadrar a matéria no intuito de evidenciar o papel do Estado fica ainda mais marcante ao considerar-se que as matérias do JN foram publicadas no canal oficial da Receita Federal no Youtube¹⁸. Na cabeça das matérias, a âncora do Jornal Hoje, Sandra Annenberg, também enfatiza que a Rede Globo foi *convidada* pela Receita para acompanhar sua operação na fronteira ao longo de dez dias. Fica claro, a partir dessa perspectiva, um movimento de afastamento dos jornalistas dos princípios deontológicos, que regem uma prática profissional distanciada dos fatos e independente em relação às fontes, para se aproximar de um jornalismo comprometido e socialmente engajado, promotor de causas¹⁹.

Ignoram-se aqui os outros aspectos da região, que abriga as Cataratas do Iguaçu, um dos destinos turísticos mais frequentados do país, e a Usina Itaipu Binacional, gigante do setor energético, aspectos que serão abordados pelos usuários do *Facebook* em seus comentários, como veremos adiante. Ao enfatizar-se a quantidade de mercadorias apreendidas, retidas nos depósitos da Receita Federal em Foz do Iguaçu, nem se chega a questionar o destino desses produtos, e por quanto tempo estes lá permanecem.

Observa-se que, desse modo, o jornalismo noticioso permanece insensível às heterogeneidades constitutivas daquele espaço, ignorando as articulações entre as identidades locais e as identidades nacionais dos indivíduos que lá habitam e reproduzindo uma cobertura extremamente estereotipada e rasa, longe de descrever as complexas tessituras que regem a região fronteira. A partir da contraposição destas abordagens por usuários das redes sociais, suscita-se um posicionamento crítico, capaz de apontar falhas e evidenciar arestas da cobertura desempenhada pela mídia hegemônica.

2. REDES SOCIAIS: RETERRITORIALIZANDO OS ESPAÇOS FRONTEIRIÇOS

Assim como vários outros fenômenos observados no mundo digital, as redes sociais, enquanto prática, possuem uma origem muito mais antiga do que as datas nas quais essas

¹⁸ TV RECEITA. Canal oficial da Receita Federal no Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channels?q=Receita+Federal>>. Acesso em 3 mai 2013.

¹⁹ KUNCZIK, Michael. *Conceitos de jornalismo: norte e sul*. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2002, p. 97.



plataformas foram criadas e lançadas no mercado. Sob um certo viés, as redes sociais remontam ao início da história da humanidade²⁰, através dos processos de ações relacionais entre os diferentes grupos humanos, aspecto que tradicionalmente vem sendo objeto de estudo da sociologia e que ao ser transplantado para a plataforma digital ganha maior interesse da área da comunicação. Portanto, não estamos diante de algo totalmente “novo”, mas assistimos atualmente a um crescimento exponencial das potencialidades destas interações quando efetivadas no ambiente da rede, que geram fluxos com maior velocidade, convergência e penetrabilidade, relacionados a uma “cultura da conexão generalizada”²¹.

Na esfera das fronteiras, essas transformações ganham contornos interessantes ao suscitar novos processos e fortalecer aqueles já sedimentados. André Lemos observa que as redes sociais geram novas territorializações em meio às tendências desterritorializantes previstas pela cultura globalizada internacional²². Nesse sentido, a rede propicia o surgimento, a manutenção e o fortalecimento de identidades locais, ancoradas em redes. Essa organização facilita a reunião de grupos dispersos e heterogêneos, servindo de “estuários para a defesa das identidades culturais, a promoção de valores éticos e a democratização da esfera pública”²³. Tendências como a ciber militância ou o ciberativismo mobilizam as comunidades, constituídas no mundo digital ou formadas fora deste, a sobrepular “os filtros ideológicos e as políticas editoriais da grande mídia” e repercutir suas ideias nas mais diversas instâncias, motivando a reprodução das perspectivas contra hegemônicas²⁴.

Esse contexto torna o ambiente fronteiro como uma instância privilegiada para a emergência de processos interacionais complexos, ancorados nas condições culturais e identitárias verificadas nas populações daquele espaço geográfico, que são transplantadas, reorganizadas e reterritorializadas no ambiente digital. Podemos dizer que o cidadão

²⁰ BENTO, Laércio. Análise de redes sociais: uma expectativa de integração estratégica dos processos comunicacionais. *Anais da II Conferência Brasileira de Estudos em Comunicação Mercadológica*, São Paulo, SP, Brasil, 2012.

²¹ LEMOS, André. Ciberespaço e tecnologias móveis: processos de territorialização e desterritorialização na cibercultura. In.: MÉDOLA, A. S., ARAÚJO, D., BRUNO, F. (orgs.). *Imagem, visibilidade e cultura midiática*. Sulina: Porto Alegre, 2007, pp. 277-293.

²² Ibidem.

²³ MORAES, Denis. *O concreto e o virtual: mídia, cultura e tecnologia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p.127.

²⁴ Ibidem, p. 125.



fronteiriço de certa forma sente-se adaptado a complexidade do novo ambiente, pois este se beneficia do ambiente multicultural característico das regiões transnacionais, onde o bilinguismo verifica-se com frequência.²⁵

Tudo isso torna possível que uma simples postagem em uma rede social articule em torno de si e de forma extremamente veloz uma verdadeira “comunidade” de vozes constituída em torno de seus interagentes, aparentemente motivados pela ideia de mostrar “um outro olhar” sobre os fatos divulgados pela mídia hegemônica, no caso, uma série de reportagens televisivas sobre a tríplice fronteira. Em menos de 24 horas, o comentário de Gilmar Piolla sobre as reportagens no telejornal Jornal Hoje a respeito do assunto (Figura 2) recebeu 683 compartilhamentos e 555 pessoas curtiram a publicação (likes)²⁶. Soma-se a isso 137 comentários à mensagem de outros usuários do Facebook, cuja maioria expressa a mesma indignação para com a parcialidade da cobertura. Muitas dessas mensagens dirigem palavras de apoio para o jornalista, que naquele momento agregava em seu perfil 2.486 pessoas a segui-lo na rede social (ou seja, acompanham em seu feed de notícias suas postagens e atualizações), enquanto outras agregam links sobre esta e outras matérias que revelam as fronteiras apenas pelos ângulos do crime, do contrabando e do tráfico de drogas²⁷.



Figura 2 - Postagem de Gilmar Piolla no dia 25 de abril de 2013. Fonte: Facebook.

²⁵ MACHADO, Lia.O. Ciência, tecnologia e desenvolvimento regional na Faixa de Fronteira do Brasil. *Parcerias Estratégicas*, N. 20, V. 2, 2005, pp 747-766.

²⁶ PIOLLA, Gilmar. Página pessoal de Gilmar Piolla no Facebook, 25 de abril de 2013. Disponível em: < www.facebook.com >. Acesso em: 25 abril 2013.

²⁷ Ibidem.



Portanto, o “simples” comentário de um usuário repercutiu nas mais diferentes direções, uma vez que seu texto em poucas horas reproduziu-se através dos mecanismos de funcionamento da própria rede social, capazes de disseminar as informações (curtir, compartilhar, atualização de feeds, etc.).

Essas apropriações caminham na contracorrente de teóricos da cibercultura, que indicam nesta uma via de mão única para a predominância dos processos desterritorializados/deslocalizados, nos quais as fronteiras territoriais, culturais e populacionais se apagarão. Ao contrário, aqui acompanhamos um movimento que atesta expressamente aquilo que Lemos denomina como práticas de controle/territorialização²⁸. O ciberespaço se territorializa na medida em que circula discursos e práticas capazes de mostrar os posicionamentos do homem em seu espaço, seus usos e apropriações.

3 ANÁLISE DAS POSTAGENS

O objeto da análise vem a evidenciar um posicionamento dos usuários em relação às vozes veiculadas nas reportagens do Jornal Hoje. Isso aparece especificado nas postagens que recolocam esse posicionamento a partir do uso do “nosso”, englobando a região fronteira, com o “eles”, autores das vozes institucionalizadas do veículo hegemônico. Do mesmo modo, os dêiticos (indicadores de situação de enunciação) como o “aqui” e o “lá”, identificam as falas em suas localizações, as quais são grifadas a seguir²⁹.

O espectador é iludido, como se aqui na fronteira o faroeste fosse uma rotina de cada minuto. (Gilmar Piolla).

Lamentável essa Imprensa Sensacionalista!!! Só mostra o lado negativo que envolve nossa cidade de Foz do Iguaçu !!! (C.L.)³⁰

²⁸ LEMOS, André. Ciberespaço e tecnologias móveis: processos de territorialização e desterritorialização na cibercultura. In.: MÉDOLA, A. S., ARAÚJO, D., BRUNO, F. (orgs.). *Imagem, visibilidade e cultura midiática*. Sulina: Porto Alegre, 2007, pp. 277-293.

²⁹ PIOLLA, Gilmar. Página pessoal de Gilmar Piolla no Facebook, 25 de abril de 2013. Disponível em: < www.facebook.com >. Acesso em: 25 abril 2013.

³⁰ PIOLLA, Gilmar. Página pessoal de Gilmar Piolla no Facebook, 25 de abril de 2013. Disponível em: < www.facebook.com >. Acesso em: 25 abril 2013. Nesta análise, foram obliterados os nomes atribuídos aos usuários, identificados no texto através das iniciais. Também foram preservadas as grafias originais da rede, com seus eventuais erros de escrita.



Os usuários também direcionam sua perspectiva crítica aos critérios de noticiabilidade das matérias. Os principais aspectos abordados referem-se a uma suposta “cegueira” para com problemas oriundos de outros estados. Referem-se aos problemas do contrabando nas regiões portuárias e na demanda das demais cidades brasileiras por produtos ilegais. Vários desses argumentos encontram-se desenvolvidos na postagem de Piolla³¹.

Ao mesmo tempo que presta um serviço à Receita Federal e à Polícia, ao mostrar ações relevantes de combate ao crime organizado, a Rede Globo deixou de lado todo um contexto, sequer se aprofundando numa questão óbvia: se a mercadoria sai do Paraguai em direção a grandes centros brasileiros, é porque há uma rede criminosa agindo na receptação, tão grande e tão danosa quanto aquela criada em regiões de fronteira para sustentar este comércio ilegal. (Gilmar Piolla)³².

Cabe salientar que a maioria das postagens referem-se à emissora em sua totalidade, identificada como “Rede Globo”, quando o objeto referido trata-se da série de reportagens divulgada no Jornal Hoje.

A predominância noticiosa do eixo Rio-São Paulo também é objeto de crítica. Os usuários acusam a Rede Globo de nortear sua perspectiva jornalística pela ótica dessas duas cidades, em detrimento dos acontecimentos que ocorrem no restante do país.

A Globo tá pouco se lixando pra foz e pro interior do país, pra ela o Brasil é o rio de Janeiro, há anos eles nos empurram novelas que impõem o way of life carioca como o padrão brasileiro (FB)³³.

Outras postagens referem-se de modo mais específico às angulações dadas ao objeto específico das matérias, ou seja, os enquadramentos jornalísticos dados à região de Foz do Iguaçu. Chama a atenção o comentário de um usuário (O.J), que didaticamente tenta explicar o porquê das reportagens televisivas trazerem tais abordagens, afirmando que estas ocorrem há mais de duas décadas e são solicitadas à Rede Globo por parte da Polícia e pelo Ministério da Justiça. Ele esclarece que a operação policial enfocada na série não é corriqueira, além de defender que o contrabando que passa pela fronteira não circula somente por Foz do Iguaçu, mas pela região como um todo. Segundo ele, por seu

³¹ PIOLLA, Gilmar. Página pessoal de Gilmar Piolla no Facebook, 25 de abril de 2013. Disponível em: < www.facebook.com >. Acesso em: 25 abril 2013.

³² Ibidem.

³³ Página pessoal de Gilmar Piolla no Facebook, 25 de abril de 2013. Disponível em: < www.facebook.com >. Acesso em: 25 abril 2013.



caráter de centro regional, a cidade acaba virando o foco. Seguem abaixo, alguns trechos do comentário.

Foz do Iguaçu aparece como o centro, por ser a mais conhecida e internacional cidade de toda a divisa com o país vizinho, por este motivo dá mais mídia, entenderam? (O.J)³⁴.

Este tipo de operação não é frequente, reforço, e este fato todos os moradores das cidades lindeiras estão acostumados a presenciar, somente um espetáculo da PF e Receita Federal para a Mídia, passada uma semana a coisa volta ao normal (O.J)³⁵.

Somente duas postagens minimizam as críticas expressas no conjunto dos comentários, afirmando que o tráfico e o contrabando existem, e não podem ser negados. Reproduzimos uma delas, a título de exemplo, seguida pelo comentário de outro usuário, que delimita sua crítica e a dos demais interagentes da discussão como centradas nas angulações da reportagem, e não à natureza dos fatos.

Agora o que não pode é ficar sempre de mimimi quando a imprensa mostra algo negativo de foz, ou alguém acha que o contrabando e o trafico não ocorrem por aqui nessas proporções???? (D.M)³⁶

(...) acho que o que esta em discussão aqui não é a proporção do tráfico e sim a maneira "espetacular" como esta sendo mostrada, Foz não é esse campo de guerra, sofremos por nossa posição geográfica, e ao que parece pela falta de uma medida por parte das autoridades que acabe de vez com esse tipo de crime em nossa cidade, ou vão dizer que se quiserem eles não acabam com isso do dia pra noite ? (M.G)³⁷

Outro viés contemplado refere-se à cobertura de eventos esportivos. Em sua postagem inicial, Gilmar Piolla questiona os critérios de noticiabilidade da emissora ao veicular uma matéria sobre contrabando no mesmo mês em que Foz do Iguaçu sediou o evento de esportes radicais "X-Games"³⁸. Piolla afirma que o evento, apesar de ter sido transmitido para 184 países, não recebeu uma só nota por parte da Rede Globo. Alguns comentários chegam a citar que a emissora não o divulgou pois não tinha os direitos de

³⁴ Página pessoal de Gilmar Piolla no Facebook, 25 de abril de 2013. Disponível em: < www.facebook.com >. Acesso em: 25 abril 2013.

³⁵ Ibidem.

³⁶ Ibidem.

³⁷ Ibidem.

³⁸ PIOLLA, Gilmar. Página pessoal de Gilmar Piolla no Facebook, 25 de abril de 2013. Disponível em: < www.facebook.com >. Acesso em: 25 abril 2013.



transmissão, adquiridos no Brasil por um canal esportivo de TV por assinatura³⁹. Outros lembram que, mesmo sem deter os direitos, a empresa poderia ter divulgado jornalisticamente o acontecimento, a exemplo do que fez nas Olimpíadas de 2012, cujo direito de transmissão havia sido adquirido pela Rede Record⁴⁰.

Ao criticar a postura da emissora, seus critérios de noticiabilidade, a escolha das fontes e sua angulação noticiosa, os usuários envolvidos subvertem muitas das lógicas que há pouco tempo pontuavam a estruturação da reprodução e circulação dos conteúdos midiáticos. O espaço digital, desse modo, rearticula essas vozes e oferece as condições para que um processo reflexivo de recepção desses conteúdos se instaure, pontuando leituras alternativas a coberturas tendenciosas e com baixa articulação de pluralidades, a exemplo da verificada neste artigo. Na internet, “as interações podem tomar diferentes formas - um para um, um para muitos, muitos para muitos, muitos para um, no qual as informações e comunicações podem circular nos níveis local, nacional ou global (...)”⁴¹. Num universo constitutivamente despido de fronteiras como o mundo digital, as fronteiras são ressignificadas, e tem a chance de atingir um novo status discursivo pela veiculação de “um outro olhar” sobre as mesmas.

CONCLUSÕES

Nesse contexto, acredita-se que as práticas comunicacionais em rede venham a contribuir para garantir um dos princípios estabelecidos na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Em seu artigo XIX, que prevê a todos o direito à liberdade de opinião e expressão, inclui-se o direito de cada um defender suas próprias opiniões sem interferências, buscando receber e compartilhar informações e ideias através de cada meio sem importar as fronteiras⁴². Um sério desafio enfrentando pelas redes sociais na busca de superação da desestruturada esfera pública burguesa.

³⁹ PIOLLA, Gilmar. Página pessoal de Gilmar Piolla no Facebook, 25 de abril de 2013. Disponível em: < www.facebook.com >. Acesso em: 25 abril 2013.

⁴⁰ Página pessoal de Gilmar Piolla no Facebook, 25 de abril de 2013. Disponível em: < www.facebook.com >. Acesso em: 25 abril 2013.

⁴¹ PEREIRA, Marcus A. Internet e mobilização política: os movimentos sociais na era digital. **Anais do IV Encontro da Compólitica**. Rio de Janeiro: UERJ, 13 a 15 de Abril de 2011, p. 6.

⁴² ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos** (1948). Recuperado em 27 de abril de 2013 de portal.mj.gov.br



Apesar de breve, a análise exemplificou o modo como as redes sociais, criam linhas de fuga e possibilidades de re-territorialização para a questão das fronteiras (Lemos, 2007). A utilização dessas tecnologias fez emergir um outro estágio na construção do saber, que vem se tornando cada vez mais coletiva e desenhada por redes globais. Com isso, assiste-se a uma redefinição nos próprios padrões de narratividade, dentre os quais situa-se o próprio fazer jornalístico. Isso torna possível que usuários das plataformas digitais se convertam em produtores de conteúdo, ao mesmo tempo em que assumam uma posição crítica a partir de onde venham a questionar os próprios conceitos de noticiabilidade das empresas jornalísticas.

As mudanças nas práticas discursivas da atualidade convertem-se numa nova ordem discursiva, e a situação de que seus agentes sejam leigos, jornalistas não profissionais, não é condição primordial para que se lhes desconsidere como do âmbito do fenômeno noticioso. Trata-se de uma conjuntura na qual os discursos profissionais e não profissionais encontram-se articulados por um conjunto de condições que lhes permitem existir. É das brechas da atividade profissional que emergem os discursos não profissionais que, por sua vez, propõem novas relações e alteram o ordenamento precedente.

REFERÊNCIAS

BENTO, Laércio. Análise de redes sociais: uma expectativa de integração estratégica dos processos comunicacionais. **Anais da II Conferência Brasileira de Estudos em Comunicação Mercadológica**, São Paulo, SP, Brasil, 2012.

CHAO, Loretta. Brasileiros reinam nas redes sociais. **Valor Econômico**, V. 1, N. 733,5 fev 2012. Disponível em: < www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed733_brasileiros_reinam_nas_redes_sociais. Acesso em 8 mar 2013.

DIAS, Anelise S.; MASCARENHAS, Gregório.L.; SILVEIRA, Ada C. M. O olhar da Tríplice Fronteira sobre si mesma: o caso da Gazeta do Iguaçu. **Anais do XII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul - Intercom Sul**, Londrina, maio 2011.

GUIMARÃES, Isabel P.; SILVEIRA, Ada C. M. Sobre lugares de crimes e castigos: periferia e imaginário colonial. **Anais do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom**, Fortaleza, setembro 2012.

GUIMARÃES, Isabel P.; SILVEIRA, Ada C. M. O imaginário midiático das fronteiras na cobertura jornalística. **Anais de la Conferencia Regional UC-ICA**, Santiago do Chile, outubro 2012.



04, 05 e 06 jun / 2013- Santa Maria / RS

UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

JORNAL HOJE. Veja no JH: O trabalho da Receita Federal na fronteira do Brasil com o Paraguai, **Portal G1**, 24 de abril de 2012. Disponível em: <<http://globotv.globo.com/rede-globo/jornal-hoje/t/edicoes/v/veja-no-jh-o-trabalho-da-receita-federal-na-fronteira-do-brasil-com-o-paraguai/2534777/>>. Acesso em: 27 abril 2013.

JORNAL HOJE. Confira cenas de perseguição na segunda reportagem da série da Câmera JH. **Portal G1**, 25 de abril de 2012. Disponível em: <<http://globotv.globo.com/rede-globo/jornal-hoje/t/edicoes/v/confira-cenas-de-perseguiçao-na-segunda-reportagem-da-serie-da-camera-jh/2536977/>>. Acesso em: 27 abril 2013.

JORNAL HOJE. Câmera JH exhibe flagrantes do contrabando na fronteira do Brasil com o Paraguai. **Portal G1**, 26 de abril de 2012. Disponível em: <<http://globotv.globo.com/rede-globo/jornal-hoje/t/quadros/v/camera-jh-exibe-flagrantes-do-contrabando-na-fronteira-do-brasil-com-o-paraguai/2539786/>>. Acesso em: 27 abril 2013.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo**: norte e sul. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2002.

LEMONS, André. Ciberespaço e tecnologias móveis: processos de territorialização e desterritorialização na cibercultura. In.: MÉDOLA, A. S., ARAÚJO, D., BRUNO, F. (orgs.). **Imagem, visibilidade e cultura midiática**. Sulina: Porto Alegre, 2007, pp. 277-293.

MACHADO, Lia.O. Ciência, tecnologia e desenvolvimento regional na Faixa de Fronteira do Brasil. **Parcerias Estratégicas**, N. 20, V. 2, 2005, pp 747-766.

McCUBBINS, Mathew D.; SCHWARTZ, Thomas. Congressional oversight overlooked: police patrols versus fire alarms. **American Journal of Political Science**, Malden, p. 165-179, v. 28, n. 1, fev., 1984.

MORAES, Denis. **O concreto e o virtual: mídia, cultura e tecnologia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p.127.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos** (1948). Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm>. Acesso em 27 abr 2013.

PEREIRA, Marcus A. Internet e mobilização política: os movimentos sociais na era digital. **Anais do IV Encontro da Compolítica**. Rio de Janeiro: UERJ, 13 a 15 de Abril de 2011, p. 1-26.

PIOLLA, Gilmar. O terrorismo da imprensa. **Portal H2Foz**, Foz do Iguaçu, 5 de maio de 2011. Disponível em: <<http://www.h2foz.com.br/opiniao/o-terrorismo-da-imprensa-gilmar-piolla-rebate-acusacoes-da-midia>>. Acesso em: 25 abril 2013.

PIOLLA, Gilmar. Página pessoal de Gilmar Piolla no Facebook, 25 de abril de 2013. Disponível em: <www.facebook.com>. Acesso em: 25 abril 2013.

SILVEIRA, Ada C. M. A cobertura jornalística de fronteiriços e favelados - narrativas securitárias e imunização contra a diferença. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, N. 35, V. 1, 2012, 75-92.

SILVEIRA, Ada C. M. Modos de ver e devorar o outro: a ambivalência na cobertura jornalística das periferias. **Ghrebh**, N. 14, V.2, 2009, pp. 157-176.

TV RECEITA. Canal oficial da Receita Federal no Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channels?q=Receita+Federal>>. Acesso em 3 mai 2013.